

## Tempos Atuais: Desafio Desenvolver o Amazonas

Nilson Pimentel (\*)

19/05/2017

Como se não bastasse a grave crise econômica que o país vive, no sistema político a cada dia explode um bomba! Quando as “coisas” tendem a piorar sempre se pensa que pior não poderá acontecer.

Se todos esses fatos somente atingissem os políticos e “seus serviços”, acreditamos que a sociedade não teria o que se preocupar, pois eles se acertariam entre si e até com morte, porém no final ficariam juntos, novamente. É assim que eles têm demonstrado para a sociedade como agem.

Entretanto, todas essas ocorrências e fatos provocam e tem repercussões em todo o Sistema Econômico e, neste não ocorre ‘milagres’, acarretando graves consequências que durará longo período para se recuperar os estragos incorridos.

Tudo isso afeta a sociedade e agrava a situação da vida de todos os cidadãos, os negócios privados, a vida familiar, aumenta a pobreza, leva mais pessoas a miséria, etc.

Contudo, nada se encontra parado, todos os sistemas são dinâmicos, é o que move a vida.

Vejam o que ocorre no Amazonas, a situação é preocupante com a cassação do governador Melo, período que está marcado por total incompetência na gestão pública estadual, pois o quadro político não é dos melhores e, muito menos a situação econômica apresenta uma posição grave.

Em termos de desenvolvimento econômico regional faz tempo que o Amazonas não sai do lugar, e isto significa que se caminha para trás, permanecendo na dependência dos resultados das atividades dinâmicas do Polo Industrial de Manaus (PIM), as quais passam por um período de declínio econômico.

No entanto, nesta semana se teve divulgação de índices econômicos de alentadores resultados para a economia brasileira, pois se sabia que a retomada econômica seria lenta, pois a recuperação será diferente das anteriores porque decorrerá principalmente de ocupação de capacidade ociosa da indústria e da força de trabalho.

Não é uma recuperação gerada por um ciclo de investimentos ou ganho de produtividade, pois nesse período mundial de baixo crescimento econômico e com o risco de queda de preço de commodities e, o país ainda não apresenta grau de confiança suficiente para impulsionar um ciclo vigoroso de investimentos no Brasil no curto prazo.

E, como indicadores econômicos que apontam que o Brasil inicia uma saída do período de grave recessão, nesse primeiro trimestre de 2017. As Instituições que processam cálculos desses indicadores, como o Banco Central, a Fundação Getúlio Vargas e a Serasa Experian apresentaram para o Produto Interno Bruto (PIB) os seguintes resultados positivos, 1,12%, 1,19%, 0,9%, respectivamente.

Esse é o primeiro indicador positivo da economia brasileira após oito trimestres consecutivos de sinal negativo. Esse indicador do PIB no primeiro trimestre, em termos monetários, alcançou o valor aproximado de R\$ 1,62 trilhão, o que para muitos economistas alguns fatores foram determinantes, como a retomada da confiança de consumidores e empresários, como melhor avaliação da Política Econômica (PE), com significativo recuo da inflação e taxa de juros, aliados aos bons resultados do agronegócio das commodities e de suas exportações.

Conforme análise dos economistas da Serasa Experian, assim se posicionaram “pelo lado da oferta agregada, o setor primário foi o grande destaque positivo da atividade econômica do primeiro trimestre de 2017, crescendo

10,8% em relação ao último trimestre de 2016.

O setor de serviços também teve desempenho positivo no primeiro trimestre de 2017, com alta de 0,3% perante o quarto trimestre de 2016. Já o setor industrial recuou 1,1% no primeiro trimestre de 2017.

No acumulado do primeiro trimestre de 2017, quase todos os componentes da demanda agregada exibiram crescimento em relação ao último trimestre de 2016. As exportações foram o destaque com alta de 11,2% neste critério de comparação.

Os investimentos cresceram 1,3% e o consumo das famílias 0,3%. Por outro lado, os gastos do governo recuaram 0,6%. Já as importações, que entram com sinal negativo no PIB, avançaram 5,3% no primeiro trimestre de 2017."

Por outro lado, as mensurações da criação de empregos formais no Brasil ainda estão aquém das necessidades frente à taxa de desemprego da ordem de 14,2%.

Tendo participado de um Seminário sobre Economia Regional, no qual se tratou diversas questões sobre o desenvolvimento econômico regional no Amazonas, o que sendo recorrente em todos os fóruns que participamos, tivemos a oportunidade de expor algumas teses construídas durante cerca de 30 anos em atuação como pesquisador nas áreas do desenvolvimento econômico do Estado do Amazonas.

E, complementado com algumas discussões com empresários de um município amazonense e secretário municipal sobre o que a sociedade sente e necessita quanto à criação de emprego formal e geração de renda e a visão do empresariado sobre o que fazer para induzir algum projeto de desenvolvimento econômico em comparação com a falta de foco por parte do governo municipal que entende que cuidar dos serviços básicos do município está realizando sua parte nas questões do desenvolvimento regional.

Ressaltamos que a dinâmica do desenvolvimento não ocorre de forma isolada, pois diversas escalas de relacionamento permeiam esse processo o qual se insere o contexto regional no debate.

Também, o que mais os economistas do Clube de Economia da Amazônia (CEA) sempre propõem é aceitação de que as regiões ou sub-regiões como as do Amazonas são construídas a partir das ações de agentes econômicos e atores sociais em múltiplas escalas que se encontram espacialmente localizadas e atende às necessidades impostas por políticas ou práticas de planejamento econômico regional.

No entanto, as ideias em termos conceituais, convergem a uma política de descentralização, de ativação de potencialidades e valorização das diversidades regionais.

Assim, se precisa concentrar na necessidade de articular iniciativas locais e sub-regionais, a fim de assegurar consistência ao conjunto de políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento econômico regional local.

Aqui no Amazonas, conforme recomendam os especialistas do CEA, uma vez levado pelo atraso no modelo mental estabelecido no âmbito político que abarca toda a administração pública estadual e dos municípios, se precisa construir novo paradigma uma vez que as informações e os dados econômicos de cada município por sub-região amazonense deverão ser organizados e analisados em novos compartimentos de conhecimentos, levando em conta a distribuição espacial das atividades econômicas, com o objetivo de melhor compreensão da realidade regional local e, assim, aumentar a eficácia das estratégias de desenvolvimento econômico.

Sabe-se que as regiões e sub-regiões não são homogêneas e, sim uma sobreposição de conjuntos que se formam a partir da articulação e interação de diversos agentes em um determinado espaço.

É com vistas nessas constatações que se fazem alguns questionamentos:

- a) como delimitar o espaço geográfico regional?
- b) com a finalidade de se elaborar o planejamento estratégico para o desenvolvimento regional, há possibilidade de se pensar em um planejamento estratégico único a cada região?
- c) alguns segmentos econômicos deveriam ter estratégias elaboradas em conjunto por várias sub-regiões?

São questões complexas sobre a regionalização a serem induzidas aos processos de desenvolvimento econômico regional endógeno.

Dessa discussão se pode tratar que o desenvolvimento regional no Amazonas se torna uma tarefa árdua, um desafio, pois implica uma série de variáveis que se interconectam formando um conjunto complexo que se articula dinamicamente entre fluxos econômicos entre si.

**(\*) Economista, Engenheiro, Administrador, Mestre em Economia, Doutor em Economia, Pesquisador, Consultor Empresarial e Professor Universitário: [nilsonpimentel@uol.com.br](mailto:nilsonpimentel@uol.com.br).**